Educomunicação: cultura, docência e arte da participação na era da midiatização

ANA ROSA VIDIGAL DOLABELLA

A Educomunicação, sobre a qual nos debruçamos nesta proposta, é um domínio do conhecimento que se propõe na interface da cultura, da educação e da comunicação, e, como tal, busca, nesse diálogo, o foco em intervenções sociais, por meio da inter-relação com a formação para a cidadania, e pressupõe a utilização de práticas comunicativas em estruturas educadoras formais e/ou informais.

Nessa perspectiva, podemos dizer que a Educomunicação é um conjunto de ações destinadas a integrar práticas educativas ao uso estudo sistemático dos sistemas de informação, tomado aqui como processo interacional de referência na contemporaneidade (BRAGA, 2008, p. 159), a fim de promover formas de participação social. Com isso, busca-se a criação e fortalecimento dos ecossistemas comunicativos (estarão sempre, e, necessariamente, em construção), ou seja, formas de comunicação integradas, em espaços educativos com o objetivo de criar ambientes abertos e democráticos, melhorar o diálogo e a expressão (SOARES, 2004, p.23). O objetivo principal é empoderamento da capacidade de expressão das pessoas, e de sua ação interventora no mundo midiatizado, como sujeitos e como grupo.

Nesse sentido, neste trabalho, a intenção é refletir sobre a interseção entre educação, comunicação e cidadania a partir do espaço dialógico que a cultura permite.

No que se refere à educação, a noção de aprendizagem dialógica, na concepção de Paulo Freire (1998, p. 97; 101), buscamos compreeender, nesta proposta, a formação do sujeito como "um ato de intervenção no mundo" (p.122), voltado para a construção do conhecimento na perspectiva do 'trabalho crítico', defendido por Braga (2006, p.336-337). Essa perspectiva aponta, em sua definição, a dinâmica do tensionamento de diferentes pontos de vista como arcabouço para a reflexão sobre os meios de comunicação na formação cidadã na contemporaneidade. Pressupõe, nesses âmbitos, a dialogicidade.

A partir desse ponto, a cultura surge como um espaço privilegiado de trocas, originando múltiplas possibilidades de pontos de vista. Pela definição da UNESCO, cultura é

> o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. (UNESCO, 2001, p.1; *apud* SERENO, 2014, p.).

Desse modo, cultura é o reflexo da identidade pessoal e coletiva dos sujeitos e influencia as atitudes e o modo de relacionamento interpessoal; é, pois, troca humana e mútuas transformações entre as múltiplas possibilidades de interações. "A cultura consegue influenciar o modo de ser e de estar do indivíduo e induzir transformações nos locais onde ele vive" (SERENO, 2014,p.15).

Esse novo paradigma, o do diálogo intercultural, se constitui da abertura da interação com o outro, alicerçada numa relação de aproximação, na ampliação de formas de se olhar a mesma realidade, a partir de uma filiação cultural em direção ao encontro de pontos de vista comuns, ou diferentes, e um possível "acordo" sobre as práticas e valores sob os quais se fundamenta a vida em sociedade. "Basicamente, a sua abordagem remete-nos para a questão do exercício da cidadania, ou seja, como chegar ao consenso sobre aspetos essenciais da vida coletiva" (SERENO, 2014, p.53).

A concepção do diálogo intercultural permite a negociação entre diferentes valores públicos de uma comunidade, a partir de uma perspectiva educomunicativa, ou seja, de interlaçamento de diferentes linguagens e formas de comunicação integradas na formação do sujeito. Sendo assim, a cultura tem a capacidade de promover um diálogo intercultural originando novos espaços de troca e de construção do conhecimento, para além do espaço da escola, como instituição de educação formal, e possibilitando, como, por exemplo, a manifestação e experimentação do interculturalismo em espaços museológicos.

Docência, Cultura e Arte: uma proposta educomunicativa

Atualmente, a construção de conhecimentos e partilha de informação é uma das vertentes de grande importância do trabalho dos museus em sua função educativa. É, sobretudo, através desta componente formativa que os museus podem ter um papel preponderante no campo da cidadania, do uso das múltiplas linguagens e da inclusão social. (SERENO, 2014, p.63).

Museus, casas de cultura e bibliotecas – espaços, outrora, informais de educação, hoje assumem, em seu "setor educativo", a autoria e execução de uma gama de atividades didático-pedagógicas de formação de alunos, professores/formadores e agentes sociais como função tão relevante quanto àquela originária de repositório de acervo, memória e patrimônio.

Conhecer e utilizar de espaços dinâmicos de educação e de comunicação é imprescindível para uma interação de fundamentação sólida para futuros professores em seus percursos, tanto de autoformação pessoal quanto de formação profissional. O diálogo, que essa interação proporciona, entre diferentes instâncias de construção do conhecimento, amplia o olhar para a "leitura" do mundo e permite a interligação entre esses conhecimentos e o avanço significativo nos processos de aprendizagem, em todas as suas formas.

> Os museus são espaços de encontro capazes de convidar ao diálogo e à reflexão. As ações levadas a cabo por estas instituições são passíveis de ser mecanismos de alertar da população sobre determinados estereótipos, perceções coletivas e desafiá-la a mudar os mesmos. A participação em atividades culturais promovidas pelos museus pode conduzir à criação de novos espaços de comunicação. Muitos autores defendem que a aprendizagem do outro através das diferentes formas de expressão criativa (como a arte, a dança, a música, o teatro, etc…) que dão a conhecer símbolos, objetos, vestuário e gastronomia distintas, são ferramentas muito úteis para a educação cultural e para rasgar novas possibilidades de diálogo, pois contribuem para a compreensão do outro e para o respeito pelo que é diferente. (SERENO, 2014, p.61).

Potencializar o diálogo com diferentes instituições educativas, e compreender que a educação acontece, efetivamente, em espaços de comunicação e cultura em interface, junto à escola, é o cerne desta proposta de formação em licenciaturas, *Docência, Cultura e Arte*, projeto desenvolvido no Centro Universitário de Belo Horizonte, UniBH. Este projeto, *Do-*

cência, Cultura e Arte, desenvolvido no âmbito das Licenciaturas (IED/UniBH), buscou agir conjuntamente na interface culturas, comunicação, educação e mídias.

Ampliar a ideia de que a cultura é circular, e que acontece em todo tempo e lugar, inclusive em casas e museus dedicados a isso, por meio de diferentes plataformas comunicativas e linguagens, além de compreender a importância da preservação, circulação e produção de cultural em diferentes formatos e manifestações é algo construído junto aos futuros professores e praticado com vistas a uma conscientização do seu próprio espectro de formação. Isso fortalece a mediação cultural das práticas educativas nas licenciaturas, desde a sala de aula, em que o próprio docente é, ainda, aluno.

Além disso, há a importância, para o pedagogo e o historiador (especificamente, neste projeto), no âmbito das licenciaturas, de investigar outros espaços de atuação profissional para além da sala de aula de uma escola como tal. "[...] Cada projeto cultural é um pequeno passo no sentido da interculturalidade, uma vez que permite conhecer e compreender valores e costumes de outras culturas e identificar vivências comuns, criando empatias, alterando conceitos e derrotando estigmas" (SERENO, 2014, p.61).

Contexto em que o projeto em educomunicação se insere

O projeto *Docência, Cultura e Arte* em questão foi desenvolvido nas turmas PED1AN-ATA das Licenciaturas, no Instituto de Educação (IED) do Centro Universitário de Belo Horizonte, UniBH, durante o 2o semestre 2015 e 1º semestre 2016 (81 alunos e 69 alunos respectivamente no período), com duração de um mês aproximadamente, em cada edição. É uma proposta pedagógica que se origina na disciplina Leitura e Produção de Textos.

Sendo assim, a formação docente, sobre a qual nos debruçamos nesta proposta, é um domínio do conhecimento que se propõe na interface da cultura, da educação, da comunicação e da arte, e, como tal, busca, nesse diálogo, o foco na formação museológica, artística e patrimonial, tomada aqui como um possível e importante processo interacional educacional na contemporaneidade.

Nesse sentido, defendemos a construção de uma "ponte" que permitiria, com esse propósito, potencializar as relações pelas quais o interculturalismo se constitui, na "leitura do mundo" (FREIRE, 1981, s/p), ao buscamos a formação do sujeito voltada para a construção do conhecimento na perspectiva do 'trabalho crítico', defendido por Braga (2006, p.337), e que aponta, em sua definição, a dinâmica do tensionamento de diferentes pontos de vista, como arcabouço para a reflexão sobre intervenção social.

Desse modo, uma possibilidade de formação para participação social pelo exercício da cidadania, pode ser vislumbrada por meio dessa ponte possível entre comunicação, cultura e educação, na educação formal universitária, no curso de Licenciaturas, para que se efetive um diálogo social profículo em diferentes pontos de vista dos quais nos cercamos em nosso cotidiano. Nosso parceiro central, nesse diálogo, foi o Museu de Artes e Ofícios (MAO), em Belo Horizonte (MG)[1].

A prática intercultural, que a formação educativa em museus e casas de cultura pode oferecer, em interação com a prática cidadã, se constitui, a nosso ver, campo fértil para o conhecimento e aprimoramento dessas bases dialógicas das quais tratamos aqui. Essa prática fortalece as bases no terreno dos saberes necessários de graduandos em Licenciaturas, para um uso efetivo desses saberes pelos sujeitos, em suas futuras práticas docentes, tais como a percepção da relevância e efetiva participação social, sobretudo espaços midiáticos de debate e trabalho crítico.

Tem como motivação o entendimento de que os objetos – o patrimônio, a memória e a identidade na simbologia dos objetos – "habitam" pessoas. E, dessa "convivência", é possível também compreender as motivações para essa construção de laços identitários entre pessoas, épocas, expressões, estética e objetos.

São, em suma, experiências museológicas que se compõem de um acervo de histórias orais/narrativas escritas e imagens de objetos de relevância pessoal, individual, e coletiva, que passaram, em algum momento particular, a fazer parte importante na vida de uma pessoa. E que, no instante da experiência no museu, ou em casas de cultura, em que o conhecimento é mediado, por atividades do "setor educativo" nesses lugares, favorece a percepção do objeto em sua essência, do afeto e da construção identitária dessa relação pessoa/objeto escolhido nas narrativas do cotidiano.

Compreende o exercício de um olhar mais humano, e de uma escuta mais aguçada, sobre a relação entre pessoas, sua história, sua cultura, sua identidade, sua arte e os objetos significativos, a partir de memórias de narrativas sociais e pessoais. No que concerne ao desenvolvimento das competências de leitura e de produção de diferentes tipos de texto, buscou-se, desse modo, nesta proposta:

- o aprimoramento das habilidades de a observação; a escrita biográfica; a produção da entrevista; o exercício da mudança do ponto de vista inicial pelo ponto de vista

1 Esse museu foi escolhido por sua profusão de linguagens em plataformas diversas e multimodais, que permitem interações de diferentes naturezas pelos visitantes, a começar pelo próprio prédio em se situa. www.mao.org.br

do outro; a redação de relatos em formato de narrativas por diferentes plataformas, formatos e objetivos textuais e discursivos diversos;

- a experimentação de "escrever" por meio de imagens e textos, em uma construção de linguagem multimodal;
- a formação do futuro docente em interação com comunidades externas ao UniBH, em marcos/tempos históricos, privilegiando um ou outro grupo social/cidade/país, ao favorecer a educação patrimonial pela compreensão de fatos que marcaram uma época;
- a construção do conhecimento pela interfaceamento entre mídia, educação, identidade, memória, história e formação docente.

Destacam-se também outros objetivos mais específicos da disciplina geradora do projeto, a saber|:selecionar e ordenar informação/ hierarquia; defender um ponto de vista/ apresentação de argumentos; o explícito e o implícito na construção do sentido no texto; sintetizar com poucas palavras; experimentar poesia/arte/ estética na palavra; a relação imagem/palavra; a conjugação de imagens/ conjunto/ unidade textual; a narração e descrição/ do gênero entrevista; a apreciação e consideração de diferentes formas de expressão; conhecimento de diferentes fontes de formação (pessoal e profissional); normas e técnicas acadêmicas.

Como resultados, pode-se citar: - produção de vídeo sobre uma casa de cultura em BH ou região metropolitana, que divulgasse a casa ou museu para colegas professores/ educadores e agentes sociais; - apresentação e discussão em sala de aula do curso de licenciaturas, entre pares, a experiência museológica de cada grupo; - compartilhamento do trabalho no Circuito Acadêmico, UniBH, com a participação de alguns grupos de trabalho da turma e exibição de vídeos/ banner.

Letramento e autoria

Considerando-se as práticas leitoras e produtoras de textos na esfera acadêmica, cujos participantes são ingressantes no ensino superior, gesto responsivo é, então, a contrapalavra (BAKHTIN, 1995, p.132) que atualiza o príncípio dialógico da interação e o caráter polifônico da orquestração de diferentes "vozes", que permeiam o espaço museológico.

Constituem-se dos modos de construção e de trans-formação da identidade do aluno como leitor e produtor de textos, e dos modos de dizer do aluno em seus textos, tendo em vista os movimentos discursivos por ele agenciados no trabalho da contrapalavra à leitura de

mundo. Linguagem e a realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 1981, p.11). Tanto leitura quanto produção de textos são consideradas aqui manifestações de contrapalavra, ou seja, da recepção e produção em diferentes linguagens midiáticas, o conhecimento construído.

Nesse sentido, a identidade é considerada como algo construído, praticado nas interações sociais da ordem sócio-histórica. Diz respeito ao pertencimento, posicionamento e esferas de atividade acadêmica. O diálogo entre essas instâncias se torna reflexão e ressignificação de práticas pessoais e acadêmicas de letramento, na constituição do processo de inserção no ensino superior.

Essa possibilidade de participação pressupõe encorajar o engajamento dos envolvidos no evento de letramento, por meio da validação dessa participação pelo agente de letramento, no caso, o professor, – fundado num diálogo com textos, empreendido por estratégias de ensino que levem por exemplo, inferir intenções, levantar hipóteses sobre a construção do sentido, questionar estratégias discursivas, identificar/comparar/analisar relações intergenéricas entre linguagens e textos.

Letramento é essencialmente o uso de textos, no sentido amplo, como representações simbólicas (materiais) estáveis cujos suportes/portadores são variados, e podem se tornar ferramentas de pensar, de aprender e de comunicar-se. Entende-se letramento como "situação comunicativa que envolve atividades que usam ou pressupõem o uso da língua escrita" (KLEIMAN, 2007, p.87) – atuando no sentido de criar contexto para questionamentos pelos alunos; ii) encorajar os alunos a se engajar em diálogo colaborativo *("collaborative talk")* (WELLS; CHANG-WELLS, 1992, p.168). Para os autores, o papel da formação do futuro professor é ampliar a concepção de letramento, em que o diálogo assume a importância de um meio de colaboração na "construção negociada" (*"transactional construction",* p.169) do conhecimento.

Daí, a necessidade de se reconhecer a importância de se tratar o futuro professor como um agente (*"agent"*) – que deve "adquirir competência e recursos para se tornar intencional e sistematicamente aprendizes de/sobre sua própria prática profissional" (WELLS; CHANG-WELLS, 1992, p.170-171). Também para o docente em formação, ser letrado é ter disposição para engajar-se apropriadamente com textos de diferentes gêneros com o objetivo de empoderar ação, pensamento e sentimento no contexto de uma determinação atividade social, conforme os autores. É tornar-se autor de sua própria formação e é o que pretendeu o projeto *Docência, Cultura e Arte*.

Nessa assunção de posicionamentos autorais, a partir de uma atitude responsiva do dizer, se fundamentam nos espaços constitutivos de identidade, o que implica tomá-los como uma ideia possível de trans-formação pela formação acadêmica.

> Se é verdade que a identidade é um processo dialógico em permanente evolução que resulta da interação entre o indivíduo e aquilo que o rodeia, então a participação em projetos culturais ajudará, certamente, à construção de novas identidades individuais e coletivas sedimentadas em interesses comuns. A cultura é um palco que possibilita o uso da imaginação e a criação e reconstrução de símbolos, bem como das formas de interação entre os diversos atores sociais. (SERENO, 2014, p.90).

Se, na processualidade da midiatização, os saberes são modificados, as aprendizagens relacionadas a tais saberes também se modificam. "Aprender não significa mais somente assimilar agenciamentos de informação, conteúdos objetiváveis, nos espaços instituídos para esse fim. É também fazer a experiência de ambientes que permitem apropriá-los de diversas [outras] maneiras." (BRAGA; CALAZANS, 2001, p.62). Com a presença do aparato complexo desses dispositivos, na sociedade mediatizada, é evidente a proliferação de saberes postos em circulação e a transformação dos processos de interacionalidade e de aprendizagem. Nesse sentido, a existência de um âmbito extra-educacional, de ação midiática, reflete uma demanda de autogerenciamento de aprendizagem a partir de uma intensificação da oferta de saberes.

Obviamente, essa aprendizagem extra-educacional museológica de ação midiática educomunicativa não é a única, mas a prática intercultural, que a formação educativa e comunicativa em museus e casas de cultura pode oferecer, em interação com a prática cidadã e a "leitura" e uso críticos das mídias, se constitui, a nosso ver, campo fértil para o conhecimento e aprimoramento dessas bases dialógicas das quais tratamos aqui, e que fortalecem o terreno dos saberes necessários para um uso efetivo das mídias pelos sujeitos, tais como "na perspectiva do debate público, a nova 'arena de mediações'" (THOMPSON, 1998, p.72) e lugar de participação social para a consolidação de democracias, "ao fomentar o debate público" na esfera da cidadania (GOMES, 2003, p.36).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. **Comunicação e educação**: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2000.

DOLABELLA, Ana Rosa Vidigal. **Jornal, Leitura e Escola – uma experiência de extensão em Educação para a mídia**. I Colóquio Mídia & Agenda Social. ANDI – InFormação: Programa de cooperação para a qualificação de estudantes de Jornalismo.17 a 19 de outubro de 2007, Rio de Janeiro/RJ. Disponível em <http://serv01.informacao.andi.org.br/-79c2f01_115d80a527a_-7ff2.pdf>.

DOLABELLA, Ana Rosa Vidigal. **Leitura de imagens no jornal – humor gráfico, mídia e educação**. In: Revista de Estudos da Comunicação. v.8, n.17, p. 265 – 275, set./dez. 2007.

FREIRE. P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1981.

FREIRE, P. **A pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GOMES, Wilson. **Jornalismo e Esfera Civil**: o interesse público como princípio moral no jornalismo. In PERUZZO, Cicília Maria Krohling e ALMEIDA, Fernando Ferreira de (organizadores). Comunicação para a cidadania. São Paulo: Intercom; Salvador: UNEB, v.17, p. 28-51, 2003.

KLEIMAN, Angela B. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento, In: CORRÊA, Manoel L. G; BOCH, Françoise. (Orgs.). **Ensino de língua**: representação e letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2006. 232p. p.75-91.

SERENO, Susana Maria Cardoso. **Gerir a diversidade cultural para alcançar a coesão social - A cultura como espaço de diálogo**. Dissertação de Mestrado em Estudos do Desenvolvimento. ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, out/2014.

SOARES, Ismar. **Educomunicação: Um campo de Mediações**. In: Revista Comunicação & Educação. São Paulo (19): p. 12 a 24 Set./Dez. 2004.

Superintendência do Iphan na Paraíba. Casa do Patrimônio da Paraíba. **Educação patrimonial**: diálogos entre escola, museu e cidade / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); Organização, Átila Bezerra Tolentino ... [et al.]. – João Pessoa: Iphan, 2014. 116 p.: il.; 30 cm. – (Caderno Temático; 4).

THOMPSON, John B.. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia . Petrópolis: Vozes, 1998. 261 p

WELLS; Chang-WELLS, G. L. **Constructing Knowledge together** – Classrooms as Centers of the Inquiry and Literacy. PORTSMOUNTH, NH: Heine Mann, 1992. Chapter 7 – Talk about text – where literacy is learned and taught, p.136-175.

A AUTORA

ANA ROSA VIDIGAL DOLABELLA - Professora, Extensionista e Pesquisadora no Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH); vinculada ao ICD e ao IED (Instituto de Comunicação e Design; Instituto de Educação). Líder do grupo de pesquisa em Educomunicação do UniBH EDUCOMUNI; coordenadora do projeto de extensão universitária em educomunicação EDUCOMUNIDADE. Bacharel em Jornalismo (UFMG), Mestre em Línguística/Análise do Discurso (UFMG) e Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e Université Stendhal Grenoble III (França) pelo PDEE/Capes.